

A consciência interna do tempo e sua modificação gradual nos estágios da esquizofrenia inicial, segundo Klaus Conrad.

Inner-time consciousness and its gradual modification in the stages of the early schizophrenia, according to Klaus Conrad.

Guilherme Ludovice Funaro

Resumo

O seguinte estudo tem por objetivo resgatar a evolução do surto esquizofrênico, como descrito por Conrad e traçar uma hermenêutica temporal, de inspiração husserliana, com a finalidade de apreender os distintos fenômenos em questão sob tal ótica. Para tal traço uma breve situação da obra de Conrad, seu diagnóstico de crise das ciências e seu método de análise gestáltica. Situo também o desenvolvimento da temporalidade, como proposto por Husserl em seu *“Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins”* (1985) e alguns conceitos centrais, como o de afecção. Em seguida tento traçar uma leitura que passa pelas distintas fases do surto inicial esquizofrênico, sob a tese da centralidade de uma alteração funcional/ estrutural da temporalidade para compreensão dos fenômenos esboçados pelos pacientes e a sugestão de que há um padrão de alteração que opera da protensão à retenção e da transcendência da imanência em direção à imanência.

Palavras-chave: Temporalidade; Husserl; Intersubjetividade; Klaus Conrad; Esquizofrenia; Trema; Apofania; Delírio.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (2): 4474

Published Online

12 de dezembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i2.1231>

Guilherme Ludovice Funaro

Psiquiatra pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPQ-HCFMUSP). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Contato:

guilhermeludovice@yahoo.com

A consciência interna do tempo e sua modificação gradual nos estágios da esquizofrenia inicial, segundo Klaus Conrad.

Inner-time consciousness and its gradual modification in the stages of the early schizophrenia, according to Klaus Conrad.

Guilherme Ludovice Funaro

Abstract

The following study aims to retrieve the evolution of the early schizophrenia, as described by Conrad, and to outline a temporal hermeneutics inspired by Husserl, with the purpose of understanding the distinct phenomena in question from this perspective. To this end, I provide a brief overview of Conrad's work, his diagnosis of the crisis in the sciences, and his Gestalt analysis method. I also situate the development of temporality as proposed by Husserl in his "Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins" (1985) and some central concepts, such as affection. Next, I attempt to construct a reading that traverses the different stages of the early schizophrenia, under the thesis of the centrality of a functional/structural alteration of temporality for understanding the phenomena outlined by patients, and the suggestion that there is a pattern of alteration operating from protension to retention and from transcendence of immanence to immanence.

Keywords: Temporality; Husserl; Intersubjectivity; Klaus Conrad; Schizophrenia; Trema; Apophany; Delusion.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (2): 44-74

Published Online

12 de dezembro de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i2.1231>

Guilherme Ludovice Funaro

Psiquiatra pelo Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPQ-HCFMUSP). Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Membro da Sociedade Brasileira de Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE).

Contato:

guilhermeludovice@yahoo.com

Introdução

Há um grande interesse no estudo psicopatológico da esquizofrenia, com foco em alterações que poderiam prever sua progressão (Chapman 1987), muito antes da expressão de um episódio psicótico agudo. A consequência mais recente disso é uma abordagem que não considera apenas os sintomas de um episódio agudo, como delírios e alucinações, mas também modificações insidiosas da consciência-de-si, envolvendo alterações na ipseidade, perturbações do senso comum, hiper-reflexividade etc. (Parnas 2005; Raballo 2011).

Os sintomas não aparecem aleatoriamente, mas seguem uma ordem de manifestação, como sugerido por Conrad (1997). Outros autores estudaram esse tema, como Klosterkötter (1992), que investigou os sintomas básicos na gênese da esquizofrenia, com base no estudo Bonn Transition Sequences, que explorou a evolução cronológica dos sintomas de primeira ordem de Schneider. Fuchs (2015) contribuiu com essa perspectiva transicional ao demonstrar a evolução dos distúrbios do self, passando da intencionalidade pré-reflexiva em direção aos transtornos do eu, uma modalidade reflexiva e mais complexa.

Além disso, analisar a estrutura temporal da intencionalidade não é uma abordagem nova para compreender a esquizofrenia. Fuchs (2007, 2013, 2017) postulou que uma falha na conexão dos momentos sucessivos, a partir de uma perspectiva husserliana, levaria a uma perda (*loss*) e fragmentação (*fragmentation*) da estrutura da consciência interna do tempo, a qual é fundamental para a intencionalidade e central para compreender a perda do senso comum da realidade, compensada por uma construção hiper-reflexiva. Stanghellini (2016) destaca experiências temporais anormais em pacientes esquizofrênicos, particularmente naqueles em crise aguda, em comparação com indivíduos cronicamente afetados, mostrando predominantemente uma fragmentação da experiência do tempo (*fragmentation of time experience*), caracterizada por um comprometimento na síntese pré-reflexiva do arco temporal da retenção, *prima impressão* e protensão.

Este estudo busca abordar um ponto ainda não explorado na literatura: aplicar a perspectiva de Husserl sobre temporalidade e consciência, tal como explorada em suas “*Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins*” (1985), a uma avaliação detalhada das fases descritas por Conrad (1997). Este último, em determinado momento

de sua obra, discute alterações temporais durante episódios esquizofrênicos, embora, como ficará mais claro, discorre sobre uma temporalidade não fenomenológica. O presente estudo assume uma perspectiva distinta: não apenas a temporalidade aqui dissecada é fenomenológica em essência, como também se sustenta que as alterações temporais estão presentes desde as queixas prodrômicas (como o *Trema*) e assumem importância central na compreensão das experiências relatadas pelos pacientes. O objetivo de correlacionar esses autores é construir uma hermenêutica temporal – uma impressão digital temporal marcada pelo que convencionalmente se chama de episódio esquizofrênico agudo – que permita a construção de uma lógica de estadiamento em termos temporais.

Além disso, na busca por uma caracterização temporal fidedigna, o conceito aqui desenvolvido compartilhará certas perspectivas quanto ao aspecto afetivo não emocional e seu papel central na constituição da estrutura temporal (Sul 2022). Adotar a noção de afetividade, tal como desenvolvida em Husserl, será de grande relevância, pois as noções sugeridas acima, como fragmentação e perda da concatenação das estruturas temporais, conduzem a uma forma intencional impossível de ser vivida e comunicada, dado que todas as formas intencionais são temporais. A partir dessa nova perspectiva, não haveria uma alteração temporal estrutural, mas sim uma anomalia funcional, preservando-se as formas intencionais.

A estrutura deste estudo seguirá as seguintes apresentações: primeiro, uma análise de Klaus Conrad, sua importância em um contexto de crise epistêmica, sua pesquisa com pacientes esquizofrênicos e seu método inovador. Em seguida, um breve panorama acerca de noções de temporalidade em Husserl, especialmente aquelas desenvolvidas em suas “*Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins*” (1985). Subsequentemente, uma análise das fases dos episódios esquizofrênicos agudos e de como essas queixas podem ser interpretadas por meio de premissas filosóficas husserlianas. A conclusão recapitulará as principais noções desenvolvidas, sintetizando um certo estilo de perturbação temporal funcional, seguindo um padrão que permite o estadiamento de episódios agudos em termos temporais.

Klaus Conrad e a análise gestáltica

É apropriado iniciar este artigo com algumas breves palavras sobre o autor: Klaus Conrad (1905–1961) (Conrad 1997, p. 9) lecionou psiquiatria e neurologia, ocupando o

cargo de diretor na Clínica Universitária de Doenças do Sistema Nervoso em Göttingen. Foi discípulo de Kretschmer e fortemente influenciado por Jaspers e pela escola de Heidelberg.

Seu estudo, que serve de base para o presente trabalho, foi conduzido com pacientes em episódios esquizofrênicos recentes. Tendo obtido acesso ao exército alemão, pôde estudar grupos altamente homogêneos, como soldados em idade militar, que recebiam métodos terapêuticos muito semelhantes e estavam sob pressão ambiental. Eram 107 soldados, em sua maioria entre 20 e 31 anos. Essas semelhanças permitiram uma investigação das invariantes da doença, o que aparecia como normativo no interior da anomalia, por meio de uma análise da forma e de suas configurações.

O método de análise, denominado *Gestalt*, surgiu em um contexto de crise científica. Segundo um modelo de paradigmas (Widlocher 2006), para compreender o estado da psiquiatria, a passagem do século XIX ao XX anunciou o declínio do modelo positivista até então dominante e a ascensão da psicanálise e da fenomenologia. Nesse debate destaca-se Jaspers e seu “*Psicopatologia Geral*” (Jaspers 1913), uma vez que exerceu influência significativa sobre Conrad. Para este último, tanto o modelo explicativo das ciências naturais quanto o modelo compreensivo esvaziavam a psicopatologia e eram inadequados para avaliar o episódio esquizofrênico inicial, quer o reduzindo à fisiologia, quer se perdendo em especulações hermenêuticas. A alternativa foi uma investigação que apreendesse, de modo processual, as modificações das formas intencionais na consciência esquizofrênica, não sob o signo da negatividade, como perda de função, mas como uma reorganização estrutural inseparável do caráter relacional de um mundo esquizofrênico, evitando construções e teorias psicológicas prévias, aplicando-se apenas ao que se apresenta à consciência e pode ser descrito e distinguido. Em última instância, a análise gestáltica captaria as estruturas fundamentais da processualidade do episódio esquizofrênico inicial (Ploog 2002).

A partir do método descrito e de sua compreensão de forma (*Gestalt*) como totalidade relacional, configurada de modo peculiar, pode-se inferir uma inspiração fenomenológica. Contudo, Husserl, figura central da fenomenologia, cuja exposição será tratada na seção seguinte, é mencionado apenas uma vez no início da obra de Conrad, no contexto de crise, ressaltando como seu papel foi fundamental em restabelecer o homem como sujeito e não meramente objeto das ciências naturais.

Consciência e Temporalidade:

Edmund Husserl (1859–1938), matemático e filósofo, foi o fundador do movimento fenomenológico. Foi um crítico das ciências modernas, particularmente quanto a sua degeneração em um estudo não filosófico dos fatos, exemplificado pelas ciências positivas e seu “naturalismo”, entendido como a tendência de explorar o mundo físico e psíquico por meio das ciências naturais. Seu radicalismo não deve ser lido como um impulso destrutivo, mas, etimologicamente, como um retorno à raiz de todas as formas de conhecimento, que consistiu inicialmente em uma “virada ao objeto” (*Wende zum Gegenstand*) e, mais tarde, na exploração da consciência do sujeito cognoscente, tentando construir uma filosofia “isenta de pressuposições” (*voraussetzungslos*) (Spiegelberg 1994).

Para introduzir o modelo de consciência que será explorado, é necessário primeiro examinar como Husserl compreende a temporalidade, com base em sua obra *“Vorlesungen zur Phänomenologie des inneren Zeitbewußtseins”* (1985). Ela representa uma transição no pensamento husserliano, de uma psicologia eidética, que propunha uma exploração dos fundamentos do conhecimento, estabelecendo suas condições eidéticas que fazem de um dado fenômeno um de consciência e não da natureza, para uma fenomenologia transcendental. Husserl ministrou aulas durante o semestre de inverno de 1904/1905 que são de importância seminal para suas conclusões acerca da consciência do tempo e de seu papel fundante na fenomenologia pura. A quarta parte dessas aulas, intitulada “Sobre a Fenomenologia do Tempo”, não foi publicada em sua forma original, mas sim na *Husserliana* X, já revisada por Edith Stein. É importante notar que suas análises não foram concluídas nessa quarta parte de sua exposição durante aqueles semestres de inverno, pois encontrariam desenvolvimento posterior nos manuscritos C e L, denominados manuscritos de pesquisa, que traduzem diretamente os processos de pensamento do autor (Kortooms 2002).

O tempo, em essência, é a estrutura que converte a consciência em unidade de atos e vivências (*Erlebnisse*). Essa consciência interna do tempo amalgama a estrutura temporal tripartite, assegurada por uma síntese passiva da consciência, sem a participação do ego (Oliveira 2024).

Husserl refere-se à estrutura tripartite da consciência temporal por meio da noção de halo temporal (*Zeithof*). Em contraste com a ideia de um presente pontual, ele

apresenta uma consciência articulada intencionalmente não apenas a uma impressão originária (*Urimpression*), mas também a um passado imediato, denominado retenção, e a um futuro imediato, conhecido como protensão. Graças a essa estrutura, explorada no parágrafo X (Husserl 1985), a identidade de um objeto temporal, como uma melodia, é mantida e pode ser experienciada não como uma série truncada de notas desconexas, mas como um todo harmônico, uma sucessão de notas.

A consciência da duração de um objeto temporal ocorre porque há duração na consciência, não apenas os objetos transcendentais possuem extensão, mas os atos constitutivos do tempo também são temporais. Há aqui um aspecto teórico relativo ao modelo conteúdo-apreensão (Thomé 2013) utilizado por Husserl na primeira parte de seu livro, que encontra seu limite no problema da regressão infinita, ao se questionar sobre a origem do tempo. A solução de Husserl reside na ideia de uma consciência absoluta ou fluxo absoluto, do qual a temporalidade emana, embora desprovido de tempo. A própria noção de fluxo aqui é metafórica, pois remete a uma camada destituída de temporalidade.

Essa viragem conceitual modifica as fases constitutivas do tempo: se antes havia um continuum de atos de apreensão, agora impressão primordial, retenção e protensão não são atos, mas modos de consciência desses níveis mais fundamentais da constituição temporal. Isto é, o fluxo da consciência constitui-se a partir de sua própria consciência presente, operando protensão e retenção em suas próprias bases temporais, sem a necessidade de uma meta-consciência (que, de outro modo, falharia em resolver o problema da regressão infinita). Estabelece-se assim uma contiguidade pré-reflexiva quanto a unidade temporal da consciência, na qual essa sucessão é apreendida como a própria consciência, ou dito de outro modo, eu experiencio a “minha” experiência consciente como uma temporalidade unificada. Daí a inseparabilidade do termo *Zeitbewusstsein*, e não algo como *zeitliches Bewusstsein*. Em suma, a experiência da temporalidade, tal como constituída fenomenologicamente, fundamenta uma forma pré-reflexiva da consciência-de-si.

Destaco essa discussão para sugerir que, em seu nível mais fundamental, a consciência do tempo é outra coisa que não o tempo. Há uma dinâmica processual dialética na consciência que incorpora a estrutura da alteridade como sua própria. Há uma tensão ipse–alter que encontra uma superação na própria maneira da consciência. Essa tensão atravessa todo o desdobramento da estrutura temporal, como na tensão entre retenção (ipse), enquanto manutenção, um “ainda”, versus protensão (alter), enquanto

abertura, um porvir. Observando as transições microscópicas entre um agora, um imediatamente antes e um imediatamente depois, em que ponto uma modalidade temporal deixa de ser ela mesma e se torna outra? Podemos falar de um ponto de transição? Se há unidade em um ato de consciência, em um objeto temporal, então ele é e não é, simultaneamente. Chegamos a um ponto em que a gramática cotidiana não consegue ter acesso. Paul Ricoeur (Ricoeur 1997, p. 49) o define da seguinte forma: “Que algo persista enquanto muda é o que significa perdurar. A identidade que daí resulta já não é uma identidade lógica, mas precisamente uma totalidade temporal.”

Também é relevante para essa discussão o conceito de afecção (*Affektion*) (Sul 2022), que designa a correlação a priori entre consciência (*ipsis*) e o que não é consciência (*alter*), caracterizando igualmente a atração exercida pelo mundo sobre a consciência. No contexto da temporalidade, afecção designará a atração exercida pelas modalidades temporais, sendo o presente o que exerce maior intensidade, por meio da impressão originária. Essa impressão originária sofre uma transformação modal ao escoar para o passado, diminuindo a afecção. Essa modificação marca o passado como passado, por meio da transição gradual entre impressão originária e retenção. De modo análogo, a retenção diminui a intensidade afetiva da protensão, garantindo que o novo presente não seja vivido como surpresa. Em síntese, trata-se de um elemento crucial na organização do fluxo temporal.

Não me alongarei nas considerações de Husserl sobre a reflexão (Renaudie 2022), mas destacarei apenas um detalhe, particularmente de suas aulas de 1905, que exerceram forte influência nas “*Vorlesungen*” aqui discutidas. Há uma distância irreduzível entre o presente vivido e a vivência vivida, apreendida por sua objetivação via reflexão, graças à estrutura temporal da consciência. A consequência disso é que, por exemplo, na frase: “Eu reflito sobre o fato de que vejo um pássaro”, esses múltiplos “eus”, aqui representados como sujeito e objeto, não são experienciados como distintos, seja psicologicamente, seja fenomenologicamente. Assim, a consciência é um “eu” que também é um “não-eu”, como um “tu”, que simultaneamente é um “nós”, como um “eu-tu”, que, em última instância, é “eu” (isso se relaciona ao conceito de “self social” (de Haan 2010)). O aspecto de uma intersubjetividade intra-subjetiva, tal como aqui sugerido, será retomado com maior detalhe na próxima seção deste trabalho e servirá de ponte para considerar a temporalidade como fundamento da intersubjetividade.

Consciência Interna do Tempo e Intersubjetividade

Acima sugeriu-se que a processualidade dialética que constitui a consciência do tempo envolve uma incorporação dinâmica da alteridade em si mesma. Empiricamente isso não é novo e a linguagem é um bom exemplo de um aparato vivo, coletivamente construído, que precede o indivíduo, e, ainda assim, o indivíduo a utiliza para explorar suas próprias experiências. O objetivo aqui é estabelecer as condições de possibilidade desse fenômeno por meio de um argumento que construa uma ponte para superar o risco solipsista de uma consciência interna do tempo, promovendo um sincronismo intersubjetivo. Há muitas abordagens possíveis para evitar esse risco, mas apenas uma será reproduzida aqui, reservando-se ao final algumas palavras para à noção de *Weltzeit* (tempo-mundo).

A ideia de que a percepção opera passivamente, permitindo que o real externo, predeterminado, imprima sua marca em alguma instância cognitiva, cuja função seria meramente representativa, não se sustenta dentro de uma perspectiva enativista. Thompson (2007) esclarece alguns princípios desse modelo, enfatizando a cognição como um exercício de conhecimento situado em um corpo atuante, concebendo a estrutura cognitiva como emergente de padrões sensório-motores modulados por fatores endógenos, que por sua vez atuam sobre esse acoplamento sensório-motor — estabelecendo, assim, uma perspectiva relacional entre cognição e mundo.

Um ponto de convergência entre a perspectiva enativista e a fenomenologia é que ambas concebem a mente como constituindo seus objetos, não como uma forma de criação, mas como desvelamento do mundo por meio da atividade intencional da consciência. A intencionalidade, entendida como atos mentais tais como perceber, recordar e julgar, não pode ser apreendida separadamente de seu objeto intencional, e vice-versa, exibem direcionalidade.

O tema “intencionalidade” é complexo e de importância central, não apenas para a fenomenologia husserliana. Vale notar que os atos intencionais se fundamentam na estrutura temporal da consciência. Por exemplo, ao dizer “eu vejo o pássaro”, ao enunciar “vejo” não preciso retornar reflexivamente para confirmar que sou eu quem vê, do mesmo modo que o verbo exige um complemento, apontando para o objeto.

A objetividade é concebida como uma construção baseada em diferentes perspectivas, como quando alguém toca um objeto, move-se ao seu redor, usando o corpo

como ponto-zero de referência (Fuchs 2020). Husserl (Moran 2012) salienta que qualquer percepção de um objeto se dá mediante perspectivas, embora haja uma apercepção das faces adumbradas do objeto, permitindo que elas sejam atualizadas dentro de um horizonte de sentidos. Afinal, não se veem meras faces, mas sim um sofá, uma caneta, um livro... Essa mesma dinâmica de horizontes permite a um indivíduo não duvidar da existência de algo mesmo quando ausente (por exemplo, além do cômodo em que estou, existe um mundo estável que persiste, no qual os objetos se apresentam independentemente da minha percepção).

Horizonte é outro termo chave: no exemplo da percepção, significa que os aspectos adumbrados apontam para além de si, mas também que a própria percepção poderia ocorrer sob outros ângulos, outras perspectivas. Sendo a consciência uma abertura ao que está para além de si, essas apresentações não-presentes, as faces ocultas, podem pertencer a outros sujeitos além de mim, indicando uma estrutura intersubjetiva. A apercepção então teceria juntos horizontes intersubjetivos e a minha consciência temporalizante. Não se trata de uma alteridade fática, mas de uma estrutura abstrata de intersubjetividade como abertura, uma estrutura propriamente transcendental que fundamenta as experiências subjetivas e intersubjetivas (Rodemeyer 2006). Esse conceito de intersubjetividade transcendental será importante, por exemplo, para estabelecer um nível mais elementar de empatia para além de sua função reprodutiva, bem como para fundamentar o meu conhecimento do mundo físico para além da minha experiência pessoal.

Por fim, algumas palavras sobre a noção de *Weltzeit* (tempo-mundo) (Rodemeyer 2006), precisamente porque ela se sobrepõe à noção de intersubjetividade transcendental. Se cada indivíduo constitui um “agora” para sua consciência, e se isso ocorre separadamente de uma existência intersubjetiva, seria difícil conceber um presente que pudesse ser compartilhado coletivamente.

A noção de consciência interna do tempo contrasta com a noção de “tempo objetivo”, o tempo de relógio. Ambos ocupam domínios fenomenológicos completamente distintos, e ainda assim o tempo não é nem exclusivamente o primeiro nem exclusivamente o segundo. Na verdade, eles se complementam, sendo o primeiro o fundamento do segundo. A dificuldade parece residir exatamente nesse ponto: consciências temporalizantes não podem ser demasiado distintas, caso contrário teríamos múltiplos tempos objetivos, cada um incompreensível aos demais. Como, então, superar o

solipsismo e estabelecer uma ponte intersubjetiva entre essas noções?

Diante dessa dificuldade metodológica, Husserl hipotetiza uma terceira estrutura temporal que sintetiza e sincroniza todos os presentes individuais, constituindo um presente “objetivo”, aquilo que ele chama de “tempo-mundo”. As aspas em “objetivo” se justificam porque não se trata do tempo objetivo cronológico, medido pelo relógio, embora o “tempo-mundo” inegavelmente fundamente o tempo cronológico. Aqui se encontra uma consciência sintetizadora conectando todos os sujeitos e fundamentando a temporalidade, uma consciência que não é nem exclusivamente “própria” (*ipsis*) nem “outra” (*alter*). Em conclusão, a intersubjetividade vai além da existência fática de uma multiplicidade, ela é dada como condição de possibilidade, uma estrutura transcendental que promove essa conexão entre os sujeitos.

Os estágios iniciais do primeiro episódio esquizofrênico segundo Conrad e o eixo hermenêutico diretivo

Conrad descreve cinco estágios: trema, estágio apofânico, estágio apocalíptico, consolidação e estágio residual, que serão apresentados sequencialmente. Contudo, antes disso, algumas palavras sobre a compreensão contemporânea da experiência anômala da esquizofrenia. Muito se tem discutido sobre a experiência de fragmentação temporal e fragmentação da experiência do eu (*Ich störungen*) (Fuchs 2017; Fuchs 2020; Stanghellini 2016). Um ponto parece central: se a noção de consciência interna do tempo está estreitamente ligada à constituição de um self mínimo, como sugere Husserl, e se essas teorias indicam um colapso dessa estrutura, certamente haveria uma experiência anômala do tempo. Ainda assim, tal experiência não seria acessível aos interlocutores psicopatólogos, uma vez que todas as formas de intencionalidade são temporais, que tipo de experiência seria essa e como poderia ser comunicada (Sul 2022)?

O conceito de afecção (*Affektion*), conforme descrito anteriormente, será central para compreender uma hermenêutica alternativa que não envolva a ruptura da estrutura interna do tempo (Sul 2022) e que, de modo apropriado, permita que experiências anômalas sejam formuladas e comunicadas em termos temporais. A hipótese a ser defendida neste trabalho é que a única fase que envolve fragmentação estrutural temporal e, portanto, seu caráter impenetrável, é a catatonia, no estágio apocalíptico. Outro ponto defendido aqui é a sugestão de que a alteração causada por uma mudança funcional na temporalidade segue um padrão, no qual a retenção da protensão é afetada primeiro,

seguida pela retenção da impressão primordial e pela retenção da retenção.

É importante enfatizar o caráter didático dessas fases, que às vezes são incompatíveis com a prática clínica. Assim, embora haja elementos centrais a serem descritos em cada uma dessas fases, há uma descrição proto-incidente de elementos em uma fase anterior, que será plenamente revelada na fase subsequente.

Trema

Este é o primeiro desses estágios, que pode durar de um a dois anos. O termo tem origem na linguagem teatral, referindo-se ao temor da ribalta, a ansiedade que precede entrar em cena e pode assumir um tom policromático com vários matizes, indo da ansiedade, angústia até o êxtase da revelação.

Envolve uma topologia fenomenológica da situação, pois transmite a ideia de um campo experiencial estreitado, no qual as possibilidades de movimento estão amplamente constrictas, restando apenas a escolha dicotômica entre triunfo ou ruína. Contudo, ambas as alternativas conduzem a um caminho sem retorno, semelhante à expressão idiomática “cruzar o Rubicão”. Não há uma situação precisa que instaure essa atmosfera, como demonstrado pela miríade de exemplos apresentados por Conrad, mas, estruturalmente, ela é marcada pela sensação de que algo está prestes a irromper, ainda que com traços anômalos, uma premonição de catástrofe (Seywert 1999), que deve ser entendida etimologicamente como *καταστροφή*, significando uma virada para baixo, uma mudança qualitativa abrangente que estabelecerá um novo sedimento.

Um exemplo é o caso 50, o Sargento Hiltfried K., 24 anos, que estava em campanha na França. Era um soldado exemplar. Sua operação foi marcada por emoções mistas, pois ao lado do tom positivo de um avanço bem-sucedido, havia insatisfação com a conduta de seus pares, que saqueavam tudo o que encontravam. Isso não era questão menor para ele, a ponto de chegar a cogitar o suicídio. Já em Paris, desafiando ordens superiores, levou alguns camaradas a uma excursão para “incutir respeito pela cultura de nossos inimigos” (Conrad 1997, tradução livre, p. 57). Em seguida, foi preso e sua promoção foi suspensa.

Esta fase é caracterizada pelo que Conrad chama de “comportamentos sem sentido” ou “ações de curto-circuito”, nas quais dois campos situacionais incompatíveis estão em rota de colisão iminente. As barreiras dessa topologia fenomenológica se estreitam e as “regras do jogo”, como a liturgia tácita que rege essas situações, ficam

tensionadas. Essa transgressão da disciplina militar é expressão de uma reação de emergência, uma tentativa de superar essa barreira para restabelecer a inserção do sujeito na situação, visando essencialmente restaurar certa homeostase.

Esta fase marca o pródromo de uma alteração global das experiências, na qual um “abismo” (Conrad 1997, p. 60) emerge gradualmente, desorganizando as condições que forjam o senso de pertencimento a um terreno comum entre os pares: “Ele nota tristemente que perdeu a possibilidade do ‘nós’, o sentimento de pertencimento. De forma terrível, ele está exilado em seu próprio mundo” (Conrad 1997, p. 60). Observa-se também que um número significativo de processos esquizofrênicos se inicia como distímia endógena, destacando sentimentos de “inibição”, “indecisão”, “uma fraqueza paralisante da vontade” e, acima de tudo, “culpa”, a incapacidade de esmaecer experiências passadas. Essa mistura de agitação e inibição é exemplificada no Caso 108: “É uma angústia sentida de modo obscuro, uma agitação ou excitação que ninguém sabe de onde vem, talvez em parte do subconsciente..., mas eu não aguento mais. Eu daria cabeçadas na parede, faria qualquer coisa, e ainda assim me sinto inibido” (Conrad 1997, p. 59).

A desconfiança predica essa reestruturação emergente do campo experiencial. Essa transição é metaforicamente comparada a caminhar por uma floresta escura, onde as coisas perdem seu caráter natural e autoevidente. Se toda apreensão de sentido é uma relação entre figura e fundo, a sugestão aqui é uma transmutação do fundo que conferirá um sentido distinto às coisas. Retomando discussões anteriores, os horizontes sombreados em uma psique normal implicam a segurança de uma totalidade, pela própria disposição de assumir posições excêntricas de uma alteridade hipotética. No pródromo esquizofrênico, o horizonte sombreado “já não é seguro” (Conrad 1997, p. 65). O verdadeiramente aterrador não é o que se impõe como figura, mas o fundo, o não dito, o não visto. Se o “nós”, como conjunto de sentidos compartilhados intersubjetivamente, se perde, essa alteridade, que possibilita uma estrutura descentralizada, esmaece, dando lugar não apenas a uma inversão intencional, em que o indivíduo se torna o centro de um mundo autorreferencial, mas também a uma alteridade anônima e hostil sob a forma de um mundo inóspito (Fuchs 2020).

Esse fundo alterado é bem resumido pela expressão de Jaspers “humor delirante”, descrita como “uma alteração abrangente” (Conrad 1997, p. 67). A palavra “Stimmung”, que pode ser traduzida como humor ou atmosfera, capta essa perspectiva envolvente com

limites mal definidos, que engole o indivíduo e carece de uma moldura semântica para expressão, como se vê na frase: “Algo está acontecendo, mas não sei o que é; diga-me o que está acontecendo...” (Conrad 1997, p. 68).

O que está em jogo aqui, reafirma Conrad, é uma mudança radical na própria existência. Diferente de alguém que hipoteticamente acorda em um mundo escuro — significando essa virada qualitativa abrupta, e percebe que está cego ou que seu campo visual mudou, mas ainda assim consegue adotar uma postura crítica diante de seu mundo, assumindo uma perspectiva alterada hipotética, no humor delirante o indivíduo acometido perde essa disposição para a reflexão crítica sobre seu mundo. Precisamente porque o que se desenrola é a perda da capacidade de “transposição” (Conrad 1997, p. 70), a capacidade de assumir uma postura excêntrica, devido à impossibilidade de integrar a alteridade. Disso se pode inferir o caráter rígido do delírio.

Para compreender o que está acontecendo em base temporal fenomenológica, perspectiva que Conrad não nos fornece, é necessário remeter à noção de afeção, como discutido anteriormente (Sul 2022). Seguindo a sugestão de um padrão na desorganização da estrutura temporal, um dos marcadores mais fundamentais desta fase é a ansiedade, a sensação de iminência. Essa sensação pode ser interpretada como a falha em esmaecer a retenção da “protensão”, que deveria diminuir a intensidade da antecipação, resultando em um arraste exagerado para o futuro, a sensação de que algo está prestes a irromper. Bin Kimura já havia se referido a isso como “ante-festum” (Kimura 1992). Isso leva a um fenômeno de “hipersaliência”, em que tudo no campo experiencial exige atenção, criando a impressão de que o indivíduo é objeto de uma direcionalidade intencional externa, perdendo autonomia na seleção do objeto intencional do foco, reforçando assim a ideia de uma “inversão do vetor intencional”.

Contudo, há uma mistura paradoxal, pois ao lado dessa ansiedade há um senso de imobilidade, manifestado, por exemplo, no estreitamento do campo experiencial ou em estados distímicos, em que o passado emerge pela incapacidade de esmaecer a culpa. A questão central aqui é uma alteração funcional na retenção da “impressão originária”, que deveria se atenuar à medida que escoar para o passado imediato, acompanhada por uma diminuição da intensidade afetiva. A consequência é uma consciência de um “presente persistente”, evocando sensações de paralisia, inibição e imobilidade (Sul 2022). Por meio dessa perturbação funcional na “afeção”, a experiência temporal não só é afetada, como, com ela, rompe-se a sincronização das temporalidades dentro de um solo

experiencial compartilhado. Fica comprometido o processo de superação que opera a integração da dialética *ipsis-alter*. Consequentemente, a noção de intersubjetividade transcendental é afetada, pois se perde a capacidade de assumir uma postura excêntrica. Onde a alteridade falha em co-constituir um terreno comum, o “Outro” emerge como sinal de ameaça de desintegração.

Estágio apofânico

O termo grego apofania pode ser traduzido como tornar manifesto ou revelação, em referência ao delírio. Enquanto a fase anterior era dominada por uma atmosfera diáfana e anômala de novo significado, aqui o delírio emerge com sua característica de certeza primária, imediata e impositiva. Jaspers (Jaspers 1997) discute três características externas do fenômeno: são sustentados com convicção extraordinária, com certeza subjetiva incomparável, impermeáveis a outras experiências, a contra-argumentos, e de conteúdo impossível. Contudo, ele acrescenta: “se se busca explorar a fonte da incorrigibilidade, ela não será encontrada em um fenômeno singular, mas sim na situação humana como um todo” (Jaspers 1997, p. 104).

Até o Trema havia uma atmosfera de anomia e grande tensão, expressa à maneira de um “como se”: “Era como se algo estivesse prestes a acontecer, como se eu devesse esperar um castigo, embora eu não soubesse por quê” (Conrad 1997, p. 67). Esse “como se” é a expressão de um resquício da possibilidade de assunção de uma posição excêntrica e deliberação a partir de um ponto de vista exógeno, isto é, ainda há algo dessa intersubjetividade que permite adotar a perspectiva de uma alteridade anônima. Esse estado tenso de “incerteza ontológica”, produto de uma perturbação transcendental, converte-se na certeza de um acontecimento mundano, o delírio (Fuchs 2020).

A perspectiva temporal do Trema, moldada pela afecção, deixou claro que ela opera dentro de um campo duplo de forças: uma força retentiva, que não esmaece e hipertrofia essa dimensão imanente, e uma força protentiva marcada pela hipersaliência. O delírio é um processo hermenêutico cuja natureza revelatória opera em dois campos distintos precisamente devido a essa tensão de forças vetoriais em direções opostas.

Apofania do encontrado

Neste ponto, as modalidades intencionais ainda conservam a marca do self, do que

é “meu”, embora, dentro da estrutura intencional, o elemento alterado seja o objeto transcendente (propriamente a imanência da transcendência): “A alteração afeta apenas as coisas do mundo externo” (Conrad 1997, p. 80), preservando representações, pensamentos, sentimentos e memórias.

O caso ilustrativo é o de número 96, um cabo de 21 anos chamado Harald, que tentava escrever uma carta ao irmão, mas acusava seu colega de quarto de fingir dormir e roncar apenas para perturbá-lo. Nas proximidades, ele também ouviu uma mulher balançando um molho de chaves e fazendo outros ruídos com o mesmo intento, indubitavelmente dirigidos a ele. Em certo momento, ao gritar “silêncio”, sentiu que poderia impor sua vontade aos outros se se concentrasse.

Aprofundar a peculiaridade dessa experiência é reconhecer que se poderia argumentar que tal convicção é falsa por diversas razões. No entanto, o paciente está permeado por uma convicção primária. O fato é que a percepção é sempre relacional, é um “ver como”, uma apreensão de perspectiva. Pode-se ter a impressão de estar sendo chamado e então perceber que foi um engano. Essa transposição é o que é impossível para o esquizofrênico. Curiosamente, a língua alemã preserva esse jogo entre as palavras “Verrückt”, significando loucura, e o verbo “verrücken”, significando mover ou mudar de posição.

Há três fases no desenvolvimento da apofania (Seywert 1999): inicialmente, há uma modificação do sistema de referência, em que todos os componentes do campo perceptivo entram em correlação com o sujeito que os percebe, ainda que de modo confuso. Na segunda fase, um sentido começa a se estabelecer, seja o sentido de estar sendo testado, seja a sensação de estar em uma cena de filme em que tudo é deliberadamente arranjado para ele. Aqui, ainda há um “como se”, em que assumir uma posição exógena ainda é possível. A terceira fase é a consolidação da evidência, em que não há espaço para dúvida, marcada pela total subjetivação da percepção e pela completa inversão do vetor intencional, traduzida na crença de que as coisas são dirigidas ao indivíduo ou de que uma força externa é responsável por elas. Vive-se em modo receptivo, em que as revelações lhe são feitas. Um exemplo de subjetivação, a partir do excerto acima, foi a crença de que, se gritasse e se concentrasse, poderia impor silêncio, numa espécie de configuração de mundo solipsista.

Os objetos são cercados por uma miríade de essências, que não podem ser exauridas pela linguagem cotidiana nem reduzidas a um único significado. Conrad ilustra

isso com o jaleco branco do médico, salpicado de manchas de sangue e a certeza do paciente de que seria morto. Isto é, algo nessa experiência leva o paciente a inferir uma essência de “matadouro” a partir do jaleco, embora ele pudesse veicular inúmeras outras essências, como a esterilidade do branco, o “desejo de ajudar” associado ao médico etc., propriamente uma “nuvem inesgotável de propriedades essenciais”. Essas propriedades essenciais (*Wesenseigenschaften*), construídas subjetivamente entre o percipiente e o próprio objeto, podem ser liberadas em um delírio, de modo que um ruído animal, como relatado por Rainer, paciente-modelo de Conrad, signifique que ele será morto como um animal, ou que as gotículas de gordura no queijo indiquem que ele terá de suar para se provar. Esses conteúdos derivam seu tom qualitativo do contexto em que estão inseridos. Aqui, vemos uma progressão, de acordo com as fases descritas acima, em que o surgimento das propriedades essenciais ocorre em conexão com a erosão das “propriedades de textura” (*Gefügeeigenschaften*), as propriedades das coisas inseridas em uma “conexão perceptiva natural” (Seywert 1999), dentro de uma atitude natural em que as coisas estão embutidas em sistemas de referência compartilhados, não egocentrados, onde as coisas são ordenadas objetivamente.

Há uma transformação de um universo experiencial ontológico para uma natureza quase-ôntica (Sass 1992), restabelecendo assim a coerência para o paciente (curiosamente, o delírio tem sentido para o delirante, como sugere o termo “*Wahnsinn*”). O que ocorre, segundo minha leitura da dinâmica da temporalidade e da afecção, como continuação do trema, é a tensão constante da atração exercida pela protensão, que não se esmaece como deveria e suscita a impressão persistente de que algo está para acontecer, algo está para ser revelado, como a expectativa de uma nota subsequente em uma melodia que nunca se materializa. Isso também se associa, como efeito da protensão, à hypersaliência, uma miríade de detalhes perceptivos que igualmente não se esmaecem. Essa modificação temporal funcional afeta a sincronização intersubjetiva transcendental, conferindo um caráter solipsista à experiência apofânica. A tensão constante é insustentável e emerge um arranjo homeostático, sob a forma de uma busca de sentido¹, conduzindo ao surgimento de um sentido rígido, já que a possibilidade de assumir uma posição excêntrica está comprometida, geralmente autorreferencial, produto dessa inversão vetorial, emanando das propriedades essenciais dos elementos situacionais

¹ Conrad foi influenciado pelo trabalho V. von Weizsäcker acerca da noção de *Gestaltkreis* mediando a reorganização de significados em resposta a um distúrbio neurológico subjacente e a tentativa de preservar uma relação vital com o meio ambiente (Mishara 2011)

circundantes.

Neste ponto da experiência o caráter solipsista favorece uma certeza distinta da certeza da objetividade compartilhada, das faces sombreadas, é uma certeza que fala mais sobre os meandros mentais do que sobre o que é visto. Por exemplo, na frase “Eu vejo um pássaro”, pode-se duvidar da certeza perceptiva quanto ao pássaro, o objeto transcendente aqui. Contudo, na afirmação reflexiva “Eu percebo que vejo o pássaro”, não se duvida de que se percebe algo. O solipsismo está mais alinhado com esse segundo tipo de convicção.

Seguindo o texto de Conrad, há uma seção dedicada às “**Experiências de reconhecimento e estranhamento**”. Quanto aos fenômenos de reconhecimento, ele destaca inúmeros casos em que isso ocorre. Conrad enfatiza o papel das semelhanças faciais como fundante disso: “Deve sempre haver uma certa semelhança e é precisamente isso que leva ao falso reconhecimento” (Conrad 1997, p. 99). Às vezes, um traço ou detalhe serve de ponte para declarar esse reconhecimento, numa sobreposição de aspectos “fisiognômicos”, que têm precedência sobre os aspectos “estruturais”.

Há também experiências que caminham na direção oposta, em que o familiar é percebido como estranho, como no caso 37: “Ele se afasta, chocado, da esposa do vizinho porque ela de repente lhe parece muito diferente”, ou no caso 28: “Nas primeiras vezes em que fui à cozinha do hospital buscar comida, a cada dia ela me parecia diferente, como se tivesse sido virada de cabeça para baixo, como se tivessem mudado a disposição das coisas” (Conrad 1997, p. 102). Conrad observa que a percepção pode ser permeada por um caráter apofânico de inautenticidade, mas também que os objetos percebidos podem ser imbuídos de “qualidades de estranhamento”, inversamente às “qualidades de familiaridade”. Ele conclui que o realce das “propriedades essenciais” (*Wesenseigenschaften*) na experiência delirante pode levar a comparações de fisionomias e à negação da identidade.

Ofereço outra perspectiva sobre esses fenômenos de estranhamento e reconhecimento. O fenômeno de estranhamento, nesta hermenêutica da afecção modulando a temporalidade, poderia ser interpretado segundo a primazia da dimensão “protentiva” atrativa, de modo que o signo de novidade-por-vir anularia o caráter sedimentado do previamente conhecido. Por outro lado, Jae Sul (2022) aponta experiências de déjà vu/vécu como perturbações na retenção de retenções anteriores, isto é, o reconhecimento traduz a perspectiva estrutural de uma experiência que não se

esmaece e permanece ativa, viva.

Neste ponto é possível sustentar o argumento de uma ordenação nessa modificação funcional da afeção na sequência de fenômenos descritos por Conrad. Admitindo que não haja aleatoriedade, vemos que, do trema à apofania, há uma trajetória de alterações referentes a camadas mais profundas da imanência, progredindo da retenção da protensão para a retenção da impressão primordial e a retenção da retenção.

A expressão dessa dupla tração de forças, uma que aponta excessivamente para o futuro, enquanto a outra não consegue esmaecer as experiências passadas, manifesta-se nas chamadas “experiências de onipotência”. O primeiro aspecto, relativo ao futuro, já foi discutido acima, é o universo da hipersaliência que se constitui gradualmente como um mundo estranho, alterado, onde as coisas ocorrem passivamente, orquestradas por uma força externa. O segundo, decorrente da falha em esmaecer as experiências passadas, emerge paradoxalmente como a percepção de que se é capaz de intervir nesse mundo de modos antes impossíveis, às vezes descritos como “mágicos”. Um exemplo é a experiência de um paciente que acreditava que seu ato de urinar poderia fazer cair bombas sobre a Inglaterra. Conrad acredita que ambos os atos compartilham uma propriedade essencial semelhante, o ato de cair.

Talvez um exemplo ajude a ilustrar essa configuração. Considere a frase hipotética: “Eu vejo um pássaro”. Em uma consciência normal operando em atitude natural, a dimensão passada se esmaece, de modo que remover o sujeito não altera o sentido da frase. Ademais, o brilho da dimensão protensiva diminui, privilegiando o momento presente relacionado ao objeto em questão, o pássaro. Com uma protensão cuja intensidade afetiva não se esmaece, esse vetor se volta para uma miríade de objetos que aparecem passivamente no campo visual. Um sentido autorreferencial vai se estabelecendo gradualmente, pois a retenção que não se esmaece hipertrofiaria esse “eu”, criando um paralelismo bizarro entre uma experiência passiva, imposta externamente, embora autorreferencial e ativa, com um sentimento de agência onipotente, de um “eu” hipertrofiado.

É na esteira dessa hipertrofia do “eu” que se discute a “Anástrofe”. Esse termo grego refere-se a “voltar-se para trás” ou “retorno” e aqui significa a sensação, compartilhada por muitos pacientes, de que “tudo gira ao meu redor”. O caso de número 50 ilustra isso por meio de traços persecutórios. Ao caminhar pela cidade ele se sentia observado, embora não pudesse explicar o porquê. Segundo a observação do autor, o

tema era influenciado pela situação atual e, como se tratava de um contexto de guerra, “espionagem” era um tema recorrente.

Uma passagem se destaca entre os exemplos, particularmente do paciente-modelo de Conrad. Ao descrever a experiência de Rainer, Conrad observa que, em uma vivência dirigida ao objeto, não reflexiva, a “apofania” cessa temporariamente. A revelação de que está sendo observado emerge por meio de um exercício reflexivo, ao perceber que um cenário falso foi montado para testá-lo. A reflexão, como discutido no início deste trabalho, é seminal para explorar a vida psíquica. Quando digo “Eu penso que vejo um pássaro”, surge uma tensão dialética entre os distintos “eus”, sujeito e objeto, suprassumido em uma experiência unificada. O fato é que, por trás de todo ato de consciência, imprime-se um “eu” pré-reflexivo, que assegura que eu seja o sujeito de meus atos e vivências. Contudo, na presença de uma retenção que não se esmaece corretamente, esses “eus” são experienciados como se ambos clamassem pela intensidade de um “agora”, aumentando seu peso relativo em uma experiência consciente. Isso explicaria o sentido de “autorreferência”, mas também os fenômenos de hiper-reflexividade (Stanghellini 2003), entendidos aqui como um monitoramento objetificado da própria vida mental, que emerge neste momento e promove uma espacialização da vida mental. O mundo imanente ganha perspectiva. Por essa razão, afirma Conrad: “A apofania obriga o homem a refletir em grande medida” (Conrad 1997, p. 110). Inicialmente é possível silenciar a apofania por meio da transposição, mas, por fim, fica-se preso a um “cativeiro do eu”, como descreve o autor.

O fenômeno hiper-reflexivo é particularmente intrigante, pois não fomenta qualquer perspectiva crítica acerca do estado do indivíduo. Assim, Conrad o descreve como “espasmos de reflexão”. Não se trata de uma capacidade genuína de transposição no sentido de assumir uma posição excêntrica, sobretudo porque, como argumentado acima, a experiência de dessincronização com a alteridade e a sensação de não pertencer a um terreno compartilhado são centrais. A Anástrofe é a antessala da fragmentação da experiência do eu, bem captada por Bin Kimura (Kimura 1992), que viu nessa apoteose do “eu” uma tentativa de restabelecer a subjetividade em risco de desintegração.

Ao final, Conrad tece alguns comentários acerca de estruturas temporais e estados de humor. Ele acreditava que apenas processos de longa duração e numerosos episódios produziram alterações na experiência do tempo. No entanto destaca um caso de evolução rápida e grave, o Caso 76 (Conrad 1997, p. 112). O paciente acreditava reconhecer todos

na sala: “São todas pessoas que já morreram”. Quando perguntado se estavam mortos, respondeu: “Não, no momento vivem de novo”. Comentou ainda sobre o tempo: “Quando se avança tanto no tempo, as coisas retornam ao primeiro ano de vida... Tudo anda para trás...” ou “Eu tenho sempre a idade que tenho agora, tenho vida eterna”, “Eu nunca morro, o mundo inteiro me conhece”, “Eu sou Cristo”. O caso de número 30 é ainda mais explícito ao afirmar que “o tempo havia parado”. Esse excerto marca uma distinção entre o entendimento de temporalidade de Conrad e a perspectiva defendida neste trabalho. É inequívoco que se trata de uma alteração da temporalidade, embora o aspecto inequívoco não resida na subversão da temporalidade objetiva, cronológica, ao se falar em reviver ou suspender uma teleologia futurizada do tempo, em andar para trás, o que Conrad chama de “princípio da relatividade na experiência do tempo”. Essas expressões são temporais porque, como argumentado anteriormente, presumem-se subsidiárias de uma alteração temporal funcional, de uma estrutura temporal fenomenológica, que a esta altura já não é novidade. Mesmo o princípio de relatividade mencionado não é relativo à temporalidade objetiva, como sugere Conrad, mas sim a uma dessincronização entre temporalidades fenomenológicas, em razão de uma processualidade dialética alterada em relação a uma alteridade transcendental. Por meio de uma noção fenomenológica de temporalidade é possível hipotetizar que o paciente número 76 se encontra em um estágio anastrófico, como quando afirma ser Cristo, que conhece o mundo inteiro, evocando grandiosidade e onipresença, signos dessa apoteose do “eu”. Do mesmo modo há consonância com o estilo de modificação temporal, de eternização, de falha em esmaecer a retenção da impressão primordial ou a retenção da retenção e de falso reconhecimento. Em última análise, Conrad não apreende os fenômenos desde o Trema como temporais, levando à conclusão de que seus comentários sobre o tempo referem-se à temporalidade objetiva e não a uma fenomenológica.

A apofania do espaço interior

As mudanças designadas como de espaço interior referem-se a atos intencionais como pensar e perceber, que serão alterados. Além disso, em consonância com o que foi discutido anteriormente, a atitude reflexiva terá grande relevância para a compreensão dos fenômenos aqui descritos.

Nos estudos de caso de Conrad, o processo patológico seguia certa delimitação entre fronteiras externas e internas, progredindo das primeiras para as segundas. Há

casos igualmente frequentes em que ambas sucumbem simultaneamente. Contudo, são raros os casos em que pode haver comprometimento do espaço interior preservando-se o espaço exterior, como nos delírios proféticos, designados por Kleist como psicoses de inspiração (Conrad 1997, p. 117).

O que é relevante para os propósitos deste estudo, com relação à psicose de inspiração, é que os pensamentos parecem perder a marca pré-reflexiva de um “eu” e são percebidos como “inspirados”, interpretados como sendo transmitidos como uma espécie de profecia. Conrad hipotetiza que apenas certos pensamentos são afetados, especialmente aqueles designados como “ocorrências”, que indivíduos são descrevem como “isso me ocorre” em vez de “eu penso”. Ele também destaca o papel da consciência reflexiva na origem dessas “ocorrências”.

Ignorando os raros casos de comprometimento primário do interior, observamos a progressão sugerida acima, o encadeamento dos fenômenos em uma certa ordem de aparecimento. Até aqui havia anástrofe e a expressão exacerbada do “eu”, simultaneamente a fenômenos hiper-reflexivos, acompanhados da impressão temporal de eternização ou hipóstasia. Contudo, não soaria impertinente supor que, nesse processo reflexivo da consciência, cada “eu” impresso em cada ato de consciência deixa de encontrar síntese em um “eu” unificado, levando ao surgimento de fenômenos de influência, semelhantes a forças externas ou revelações. Estes não emergem com a “marca própria” (*ipsis*) dessa psique. Por exemplo, na frase: “Eu percebo que vejo um pássaro”, caso não haja síntese em uma experiência unificada e o “eu” que percebe apreende o “eu” que vê o pássaro de modo objetificado, a experiência será de influência, de uma agência externa no ato de ver.

Fenômeno semelhante ao pensamento “inspirado” é a difusão de pensamento. Alguns indivíduos, como no Caso 11, afirmavam que outros podiam ouvir seus pensamentos: “Eles ouvem meus pensamentos e tudo o que eu faço”. Ao lado disso, havia inserção de pensamento: “Eles queriam colocar a palavra ‘tenente-general’ na minha cabeça”. Esses pacientes estão convencidos de que outros ouvem seus pensamentos, embora nem sempre consigam justificar essa convicção aos interlocutores. Às vezes, baseiam-se em coincidências, como pensar em acender um cigarro e, por coincidência, ver alguém acendê-lo.

Para facilitar o argumento, considere outro exemplo: “Eu percebo que penso nas minhas tarefas”. O “eu” impresso no ato de perceber o outro “eu”, que pensa um dado

conteúdo, é apreendido como distinto. Essa fragmentação da experiência do eu faz com que os pensamentos ainda pareçam “próprios”, mas distantes, já não confinados a um espaço íntimo. Afirma Conrad: “A transparência é o primeiro grau da apofania do atualizado” (Conrad 1997, p. 128). Contudo, à medida que “eus” sucessivos se acumulam devido à falha em esmaecer a retenção da impressão primordial e a retenção da retenção, aumenta a distância desse pensamento em relação ao polo “eu”, entendido como ponto-zero de referência — daí a possibilidade de perceber esse pensamento como inserido de fora. Um estágio posterior dessa “objetivação mórbida” (Stanghellini 2003) é a vivência desse pensamento como uma voz. As chamadas alucinações auditivas são vividas como diferença de grau, não de natureza, derivando dos fenômenos de pensamento acima descritos.

O fato de esse universo consistir em coincidências, fragmentos justapostos, sem peças soltas, relaciona-se fundamentalmente à alteração da sincronização temporal e à disfunção na integração da intersubjetividade transcendental. Sem o Outro, não há perspectiva de um horizonte que se abre como possibilidade, não há apercepção, apenas percepção, daí a certeza.

É interessante notar que, na apofania do encontrado, Conrad descreveu a liberação de “propriedades essenciais”, aqui interpretadas como produto da hipersaliência originada da protensão, resultando em análise, fragmentação e peças justapostas amalgamadas por uma hermenêutica delirante. O que ocorre na apofania do espaço interior é semelhante, igualmente fragmentado, mas envolvendo atos intencionais e o “eu” tácito impresso em cada um desses atos. Por essa razão, afirma Conrad: “São apenas duas faces do mesmo processo, isto é, apofania” ou aquilo que ele chama de “desdiferenciação da estrutura de campo” (Conrad 1997, p. 128), aqui referida como análise e fragmentação. Em tal grau de desdiferenciação, um pensamento adquire qualidades sensoriais, como no caso da sonorização do pensamento e das vozes.

Retornando ao início do excerto, a atitude reflexiva, que serve como eixo hermenêutico para os fenômenos em questão, também se evidencia no conteúdo das vozes, à medida que comentam a execução das ações, uma espécie de “atenção retrospectiva”, narrando as ações do indivíduo. Outro fenômeno, às vezes referido como paralisia do fluxo do pensamento ou detenção, também aparece como produto da alteração temporal funcional da afeção, que falha em esmaecer as retenções da impressão primordial e da retenção, culminando na experiência de hipostasia.

Por fim, descrevem-se sensações corporais anômalas como parestesias, sensações cutâneas, movimentos fabricados e sensações percebidas como “produzidas” externamente, distintas dos sentidos neurológicos usuais, mas antes como uma apofania invadindo a esfera corporal. Quando tais sensações ganham centralidade, Conrad destaca as variantes cenestésicas, seguindo a noção de Huber (Conrad 1997). A cenestesia é caracterizada como uma experiência global sintetizadora das sensações corporais e de toda a sensibilidade que sustenta a consciência, incluindo o sentimento de existência, de si mesmo e de estar separado do mundo (Stanghellini 2009).

Pode parecer estranho introduzir um excerto sobre o corpo neste momento apofânico (do espaço interior), em que se discutiam pensamentos. Contudo, há pontos de conexão. Conrad observa que alguém pode estar engajado em movimentos automáticos, não reflexivos, harmonicamente dirigidos à ação na atitude natural. Entretanto, ele hipotetiza que a apofania afetará apenas os movimentos reflexivos, que compartilharão a impressão de agência externa, de modo análogo aos pensamentos.

O corpo tácito, como possibilidade de desvelamento do mundo (*Leib*), torna-se então objeto (*Körper*). Ele perde sua unidade integrativa harmônica, orientada para a abertura ao mundo e se desdiferencia em partes fragmentadas, tematizadas sob o signo da agência externa. Por essa razão, este também parece ser um ponto-limite quanto às representações linguísticas, que costumam estar ausentes, já que a linguagem é uma construção social, marca de uma alteridade que precede a própria existência individual.

Trata-se aqui de uma transformação fundamental, a antessala da fase apocalíptica, em que o corpo se torna a última fronteira contra a pressão da desintegração do enquadramento temporal.

Estágio apocalíptico

Esta fase abrange o estado catatônico como um estágio posterior, deteriorado, subsequente à apofania, tornando difícil sua exploração devido às manifestações incompreensíveis, incoerentes e à corporeidade rígida. Relatos sobre essa fase só são possíveis quando o paciente se recupera e tenta estabelecer alguma continuidade na temporalidade, embora, muitas vezes, o que resta sejam meros fragmentos.

Neste estágio pode-se, de fato, falar em uma desarticulação estrutural da temporalidade, pois é impossível organizar a experiência in loco em qualquer forma

intencional, tornando-a incomunicável. Conrad destaca comportamentos incompreensíveis, estados de humor altamente voláteis, rigidez motora, uma aparência como se a “vida interior estivesse morta” e uma perda de continuidade na corporeidade, com partes do corpo desaparecendo transitoriamente. O autor recorre à dinâmica dos sonhos para tentar se aproximar de uma compreensão dessa fase, embora admita que sua essência permaneça elusiva.

Dado o acompanhamento meticuloso de Conrad sobre a evolução da esquizofrenia, parece intuitivo dizer que a psicose catatônica representa um estágio posterior de gravidade na progressão do episódio esquizofrênico, após a fase apofânica, em vez de meramente uma apresentação alternativa ao lado da forma paranoide. No entanto esse não era o entendimento predominante à época e Conrad foi pioneiro nessa perspectiva.

A fase apocalíptica pode, em raros casos, evoluir para uma forma aguda fatal, levando a um estado comatoso que culmina em morte. Mais comumente, porém, há um movimento regressivo, denominado “consolidação”.

Uma das dificuldades em postular uma desordem estrutural, não funcional, é determinar como ocorre a reorganização, dado que o desmantelamento é muito mais fundamental. Contudo, um ponto parece inegável: esta fase representa o paroxismo do episódio esquizofrênico inicial, cuja evolução, descrita adiante, não se dará sem alguma forma de efeito residual.

Consolidação

Trata-se de uma fase regressiva na qual a possibilidade, ao menos parcial, de assumir uma alteridade hipotética é recuperada (“a transposição tornou-se novamente possível”) (Conrad 1997, p. 159). Contudo, o movimento é ambíguo, pois há uma alternância entre posições que consideram o delírio como um erro e outras que o aceitam como uma verdade inabalável. É a estas últimas que o termo “consolidação” deve sua designação, já que “a penetração apofânica havia lentamente se consolidado” (Conrad 1997, p. 156) e o repertório delirante se cristaliza e se assenta.

Conrad descreve o processo psicoeducativo de ajudar o paciente a compreender sua doença como uma “virada copernicana”, no sentido de retirá-lo do centro do mundo. Poder-se-ia pensar que a mobilização da alteridade encontra alguma permeabilidade, permitindo ao paciente assumir uma postura excêntrica, superando a versão delirante

egocêntrica. Sem dúvida, trata-se de uma evolução regressiva, no sentido de recuperar uma estrutura mais próxima da sanidade, mas que encontra resistências, que Conrad designa como “fixação neurótica do delírio”.

No entanto, como explicar a oscilação temporal, esse “é e não é”, que dá a impressão de uma fase regressiva?

Shaun Gallagher (2000) pode contribuir para a resposta ao associar o mau funcionamento dos mecanismos protentivos a conteúdos específicos, que poderiam, de fato, afetar a estrutura temporal da experiência. Situações, pessoas, memórias e medos poderiam acionar o mau funcionamento dos mecanismos protentivos, ocorrendo em algumas circunstâncias, mas não em outras.

Talvez o grande fator que impulsiona a transição da apofania para a consolidação seja uma mudança situacional, um afastamento de um horizonte passado fortemente catatímico, no qual prevalecia uma disfunção funcional da temporalidade, culminando em desorganização estrutural, em direção a um estado com um funcionamento mais próximo de uma estrutura íntegra. Esse conflito pode conduzir o paciente a certa confusão.

Estado residual

A ideia de que não há *restitutio ad integrum* não está necessariamente correlacionada a qualquer forma de conteúdo delirante. Refere-se a uma alteração de personalidade que certamente explica a natureza distinta de um eventual segundo episódio psicótico. Há algo formal que permanece como uma mancha, como uma insegurança futura, tal como descrito pelo paciente Rainer: “Eu já não sei, nem saberei jamais no futuro, se algo é puramente acidental. É uma impressão paralisante” (Conrad 1997, p. 163). Ele descreve insegurança, imaturidade em relação aos outros e ao mundo, vazio, incapacidade de estar despreocupado, falta de impulso interior, de impulso decisório, ou falta de concentração, à medida que ele se fixa em todos os objetos do campo — como se fossem resíduos da hipersaliência. Em última instância, Conrad fala de uma perda de tensão como uma dificuldade que surge para alcançar um objetivo, como força decisória ou força de vontade.

Conrad utiliza o termo “energia” ou “força de tensão” no ser humano, análogo às forças físicas, como um eixo heurístico. Como se todas as formas de intencionalidade ocorressem em termos energéticos: o querer, temer, interessar-se e dinâmicas

semelhantes envolveriam energia psíquica. A tensão surge diante de um objetivo, numa dinâmica dual, em que o indivíduo se orienta, mas o mundo exerce uma tensão de atração. A questão-chave é que esses sistemas se interconectam, ou seja, para perseguir um dado objetivo, outros devem ser silenciados (por exemplo, não se pode saciar a sede bebendo um copo de água ao mesmo tempo em que se está mobilizado por inúmeros outros sistemas de tensão que diluem a intencionalidade). Um dado caráter se forja a partir dessa dinâmica energética, diz respeito a como alguém se posiciona diante do mundo, onde aplica energia, o que evita e a distribuição da energia produzida, que é constante: investir mais em um dado campo diminui o aporte para outros.

Por meio desse conceito, Conrad argumenta que o estado residual envolve uma redução do potencial energético, tendo como significado clínico que o paciente já não expressa desejos, permanece “parado”, sem iniciativa. Ele traça um paralelo com a combustão do carvão, cuja oxidação reduz gradualmente seu potencial energético, tal como um episódio psicótico diminui a “potência energética” do indivíduo.

Poderíamos hipotetizar que, em termos temporais, o aspecto residual tem forte caráter protentivo, semelhante ao Trema, embora aparentemente distinto em grau, não evocando o sentido anterior de crise iminente. Pode-se supor que, em um universo em que tudo demanda atenção, falta direcionalidade, tornando a aplicação de energia altamente custosa, o que explica certa astenia. Também é possível interpretar esse sentido de hipostasia como contendo a dimensão retentiva antes mencionada, embora não com a gravidade de uma fragmentação iminente da autoconsciência.

Conclusão

Inicialmente a discussão buscou situar alterações incipientes que poderiam evoluir para um caso pleno de esquizofrenia com alterações psicóticas. A intenção dessa genealogia sintomatológica não é nova, e a ordem de aparecimento de certos fenômenos não ocorre de modo anárquico, como sugerem principalmente Conrad (1997) e Klosterkötter (1992).

Em seguida, exemplifiquei, com alguns autores, que a análise estrutural da temporalidade ocupa lugar central na compreensão da esquizofrenia. Em síntese, argumenta-se que a esquizofrenia acarreta um comprometimento estrutural da temporalidade (Fuchs 2007, 2013, 2017; Stanghellini 2016). Jae Sul (2022) questiona a ideia de colapso estrutural, uma vez que a estrutura intencional é temporal, o que

implicaria a incomunicabilidade da experiência.

Há uma lacuna na literatura científica atual quanto a uma avaliação detalhada dessa genealogia sob a perspectiva de uma alteração temporal fenomenológica, especialmente no que diz respeito à obra de Klaus Conrad (1997). Mais do que isso, procurei interpretar as alterações temporais não em termos de mudanças estruturais, mas funcionais, valendo-me do conceito de afecção (Sul 2022).

Segue-se a isso uma breve exposição de Conrad e do contexto histórico da crise das ciências em que se situa sua obra, bem como de seu método inovador, denominado análise gestáltica. Apresento também algumas premissas temporais em Husserl, com especial ênfase em como o fluxo temporal abarca uma dialética de introjeção da alteridade e em como a afecção organiza o fluxo temporal da consciência. Este último, por sua vez, não se constitui de modo solipsista, mas dá origem a uma intersubjetividade transcendental intra-subjetiva.

Com base nesse arcabouço filosófico procuro exemplificar, por meio de sintomas cardinais, os tipos de alterações que ocorrem em cada fase. Tipicamente no Trema não há esmaecimento da retenção da protensão, com seu tônus ansioso, seguido por alterações que operam de modo centrípeto, como a retenção da impressão primordial e a sensação de hipostasia

A apofania ou revelação girará em torno de uma hermenêutica que opera entre esses dois polos de tensões opostas. A anomia do Trema ganha sentido, geralmente autorreferencial e situacional, segundo Conrad, pela liberação de propriedades essenciais. A rigidez da convicção delirante ou a impossibilidade de transposição deve-se a uma característica temporal, já que a sincronização intersubjetiva também depende do aspecto temporal funcional modulado pela afecção. Com a dessincronização há um movimento crescente rumo a um universo solipsista e imanente. As alterações dessa fase seguem um padrão: primeiro, mudanças funcionais protentivas, que avançam em direção às retentivas, desvelando experiências onipotentes de anástrofe, vivências hiper-reflexivas e autorreferenciais, cada vez mais confinadas a um universo imanente até a ruptura da “objetivação mórbida” (Stanghellini 2023), em que o pensamento perde a marca do que é próprio e se desdiferencia no fenômeno alucinatório auditivo e em alterações corporais.

A catatonia típica do apocalipse seria a única fase com verdadeira alteração estrutural da temporalidade, tornando-a impenetrável ao psicopatólogo.

Segue-se uma fase regressiva, com alguma estruturação temporal, ainda que não *ad integrum*, que permite ao indivíduo avaliar criticamente suas convicções, culminando em um estado residual com alterações protentivas e retentivas atenuadas.

Em suma, parece haver um padrão de alterações que vai da protensão à retenção e da transcendência em direção à imanência. Permanecem algumas questões a serem formuladas como a de como o eixo temporal poderia ser restabelecido após a gravidade da fase apocalíptica. Considerar a restauração de uma alteração estrutural é significativamente mais complexo do que a de uma funcional. Talvez o subsequente dano residual encontre sua base precisamente nesse reestabelecimento. Outra dificuldade envolve as fases de consolidação e residual. Pode-se postular, por exemplo, uma gradação na intensidade das alterações funcionais, mais severas nas fases iniciais e menos intensas nas finais? Em caso afirmativo, como isso ocorreria?

Referências bibliográficas

- Chapman LJ, Chapman JP. *The search for symptoms predictive of schizophrenia*. Schizophr Bull. 1987;13(3):497-503.
- Conrad K. *La esquizofrenia incipiente*. Fundación Archivos de Neurobiología. Traducción de Javier Morales Belda y Alberto Rábano. Madrid, 1997.
- Fuchs T. The temporal structure of intentionality and its disturbance in schizophrenia. *Psychopathology*. 2007;40(4):229-35.
- Fuchs, T . Temporality and psychopathology. *Phenomenology and the Cognitive Sciences* 2013 12 (1):75-104.
- Fuchs T. *From Self-Disorders to Ego Disorders Psychopathology* 2015; 48:324-331
- Fuchs T, Van Duppen Z. Time and Events: On the Phenomenology of Temporal Experience in Schizophrenia (Ancillary Article to EAWE Domain 2). *Psychopathology*. 2017;50(1):68-74
- Fuchs, T. "Delusion, reality and intersubjectivity: A phenomenological and enactive analysis", *Phenomenology and Mind*, n. 18 -2020, pp.120-143
- Gallagher, S. *Self-reference and schizophrenia In book: Exploring the Self: Philosophical and Psychopathological Perspectives on Self-experience*. 2000 (pp.203-39). Publisher: Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- de Haan S, Fuchs T. The ghost in the machine: disembodiment in schizophrenia--two case studies. *T. Psychopathology*. 2010;43(5):327-33
- Heidegger M. *History of the Concept of Time, Prolegomena*. Translated by Theodore Kisiel. Indiana University Press; 1985

- Husserl E. *Texte zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins: (1893-1917): Text nach Husserliana, Bd.X/ Edmund Husserl. Hrsg. U. eingel. Von Rudolf Bernet. – Hamburg: Meiner, 1985.*
- Jaspers K. *General Psychopathology*. Translated by J. Hoenig and Marian W. Hamilton. The John Hopkins University Press; 1997
- Kimura, B. *Ecrits de psychopathologie phénoménologique*, Presses Universitaires de France, 1992
- Klosterkötter, J. The Meaning of Basic Symptoms for the Genesis of the Schizophrenic Nuclear Syndrome. *The Japanese Journal of Psychiatry and Neurology*, Vol. 46, N° 3, 1992.
- Kortooms, T. (2002). *Phenomenology of Time: Edmund Husserl's Analysis of Time-Consciousness*. Springer.
- Lebrun G. *Sobre Kant*. São Paulo: Iluminuras, EDUSP; 1993.
- Mishara, A. L. The 'Unconscious' in Paranoid Delusional Psychosis: Phenomenology, Neuroscience, Psychoanalysis. *Phaenomenologica* 2011; 169–197.
- Moran, Dermot & Cohen, Joseph (2012). *The Husserl Dictionary*. Continuum Philosophical Dictionaries.
- Oliveira, ICC. *A Fenomenologia da Consciência Interna do Tempo de Edmund Husserl*. Revista Ideação, Edição Janeiro-Junho: v.1n.49 (2024).
- Parnas, Josef & Møller, Paul & Kircher, Tilo & Thalbitzer, Jørgen & Jansson, Lennart & Handest, Peter & Zahavi, Dan. (2005). EASE-scale (Examination of Anomalous Self-Experience). *Psychopathology*. 38. 236-58.
- Ploog DW. Klaus Conrad (1905-1961). *Hist Psychiatry*. 2002 Sep;13(51 Pt 3):339-60.
- Raballo A, Sæbye D, Parnas J: Looking at the schizophrenia spectrum through the prism of self-disorders: an empirical study. *Schizophr Bull* 2011; 37: 344–351.
- Renaudie, PJ. Description, Reflection, Reduction. *Phainomenon*. 33. 85-98 (2022)
- Ricoeur, P. *Tempo e Narrativa - Tomo III*; tradução Roberto Leal Ferreira; revisão técnica Maria da Penha Villela- Petit- Campinas, SP: Papirus 1997.
- Rodemeyer, L.M (2006) *Intersubjective Temporality*. It's About Time. Springer.
- Sass L. A. (1992). *Madness and modernism: Insanity in the light of modern art, literature, and thought*. New York: Basic Books.
- Seywert F., Célis-Gennart M., La transformation du champ de l'expérience dans la schizophrénie: F« analyse structurée de Klaus Conrad, *L'Évolution Psychiatrique*, Volume 64, Issue 1, 1999, pages 101-111

- Spiegelberg, E. (1994) *The Phenomenological Movement: A Historical Introduction*. Kluwer Academic Publishers.
- Stanghellini et al, *Auditory verbal hallucinations* - breaking the silence of inner dialogue *Psychopathology* May-Jun 2003;36(3):120-8.
- Stanghellini G. Embodiment and schizophrenia. *World Psychiatry*. 2009 Feb;8(1):56-9.
- Stanghellini, G., Ballerini, M., Presenza, S., Mancini, M., Raballo, A., Blasi, S., & Cutting, J. (2016). Psychopathology of lived time: Abnormal time experience in persons with schizophrenia. *Schizophrenia Bulletin*, 42(1), 45–55.
- Sul, J R (2022). Schizophrenia, Temporality, and Affection. *Phenomenology and the Cognitive Sciences* 21 (4):927-947.
- Thomé, SC. The critique of the constitution model of 'apprehension-content of apprehension' in Husserl's *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal time*. *Meta: research in hermeneutics, phenomenology and practical philosophy*. 2013 V:298-314.
- Thompson E. (2007). *Mind in life: Biology, phenomenology, and the sciences of mind*. Cambridge, MA: Harvard University Press;
- Widlocher D. *Traité de psychopathologie*. France: Puf; 2006